

RESENHA

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele e SELVATICI, Monica. *Jesus de Nazaré: uma outra história*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

Esta obra faz emergir as questões que estão na ordem do dia sobre o Jesus histórico e, como tal, representa uma importante contribuição acerca da compreensão da figura de Jesus de Nazaré em seu tempo e em sua cultura. Esta coletânea de artigos busca situar os leitores na dimensão das discussões e caminhos da pesquisa sobre o Jesus histórico e, à luz destas questões, apresenta análises exegéticas e hermenêuticas de algumas perícopes.

Gabriele Cornelli na introdução (“Metodologia e resultados atuais da busca pelo Jesus histórico”) traça uma visão panorâmica acerca da pesquisa sobre o Jesus histórico. É um olhar historiográfico desde o século XVIII na perspectiva de demonstrar a descontinuidade entre o Cristo da fé e o Jesus da história. O destaque é para a chamada “terceira busca do Jesus histórico”, que se insere numa perspectiva antropológica, tendo como vetores: uma antropologia transcultural, a história greco-romana-judaica e a arqueologia da Galiléia, representado claramente na proposta que será lida no artigo de John Dominic Crossan (“Contexto e texto na metodologia dos estudos sobre o Jesus histórico”, ensaio de um método que separe os “procedimentos formais” dos “investimentos materiais”). As tentativas de resposta à pergunta: “Quem foi Jesus de Nazaré?” na opinião de Cornelli têm de se tornar independentes frente aos estudos bíblicos determinados por uma visão elitista, racionalista e ocidental e assumir uma postura hermenêutica (uma metodologia histórica interativa).

O primeiro capítulo versa sobre *o nascimento de Jesus de Nazaré* a partir da historiografia e da iconografia. Estas duas dimensões são apresentadas nos artigos de Monica Selvatici (“Nascimento e crucificação de Jesus e a primeira história do cristianismo”) e André L. Chevitarese (“Maria, Menino Jesus e a ilegitimidade física do Filho de Deus. O uso do modelo iconográfico de tipo universal (Mãe/Filho) pelos cristãos”). O primeiro deles discute as datações para o nascimento e a crucificação de Jesus. A partir da leitura dos relatos de Mateus e Lucas, a autora conclui que a data mais acertada para o nascimento de Jesus seja o ano 6 dC, opção essa que não é a mais aceita pelos estudiosos. Mas, tomando os relatos da infância (Mt 1–2 e Lc 1–2), a autora aponta dois aspectos nestas narrativas que corroboram sua posição: a perseguição e a ameaça promovida por Herodes relatadas no Evangelho de Mateus, mesmo enquadradas numa releitura do Êxodo, é uma lembrança do período catastrófico dos governos de Herodes e o descontrole social no governo de seu filho Arquelau. Já o relato lucano, ao mencionar o recenseamento conduzido por Quirino na Judéia governada por Herodes, está se referindo a Arquelau, cujo governo teve o seu ponto final com este recenseamento (6-7 dC). Quanto à datação para a crucificação de Jesus, há que se levar em conta a prisão de João Batista como um dos fatores desencadeadores do ministério de Jesus. A prisão e morte de João acontecem no período em que Herodes Antipas já estava casado com Herodíades entre os anos 33 e 34 dC. E se elas se deram uns dois anos antes da morte de Jesus, temos que a crucificação de Jesus ocorreu no ano 36 dC. Para Mônica Selvatici essa cronologia pode suscitar uma interpretação nova e mais consistente da história dos primeiros cristãos.

No segundo artigo, André Chevitarese nos conduz a uma leitura dos textos sobre Jesus e sua mãe tomando em paralelo a iconografia na perspectiva de se buscar um es-

quema imagético do nascimento e infância de Jesus. A iconografia cristã do terceiro e quarto séculos apresenta a mãe que leva a criança à altura do peito ou a coloca sentada nos seus joelhos, atravessa vários tempos e espaços, o que poderia fazer pensar numa influência da iconografia de Ísis/Hórus; porém, a religião isíaca não tinha grande amplitude no mundo greco-romano e cristão, e por outro lado cabe pensar na tendência escatológica e cristológica na arte cristã dos primeiros séculos. Também há que se levar em conta que nas decorações das igrejas e capelas nunca aparece Maria amamentando o menino Jesus. Chevitarese conjectura a possibilidade de os cristãos terem lançado mão de esquemas iconográficos conhecidos pelas várias culturas inseridas no Mediterrâneo. Pensando numa possível relação entre literatura e imagem no cristianismo antigo, Chevitarese aponta alguns indícios para a elaboração de um esquema imagético Maria/menino Jesus na literatura cristã. A falta de interesse nas comunidades paulinas e marcanas em relação à filiação paterna, ao local do nascimento de Jesus e a sua infância, nos leva a verificar que estas questões estão ao redor dos anos 80 do século I, ou seja, são uma preocupação posterior às cartas paulinas e à redação do Evangelho de Marcos. No entanto, os dois indícios na literatura cristã acerca da messianidade de Jesus se apresentam no diálogo de Jesus com o grupo dos judeus em Jo 8 e na genealogia de Jesus em Mt 1. Ambos os textos abordam o tema de Jesus como filho legítimo em contraposição à acusação dos opositores de que ele era filho da prostituição. Textos dos primeiros séculos cristãos permitem a Chevitarese afirmar que a elaboração de um esquema imagético de Maria/menino Jesus não simplesmente nos remete à influência do modelo Ísis/Hórus. Os registros literários cristãos buscam responder às acusações formuladas pelos membros fora das comunidades cristãs e de certa maneira têm sua marca na construção das imagens de Maria e do menino Jesus.

O segundo capítulo da obra trata da vida de Jesus e tem como título “A vida incômoda de um homem divino Galileu”. Este capítulo traz dois artigos de Gabriele Cornelli que aborda a magia na prática de Jesus, ou seja, a apresentação de Jesus como mago popular galileu. No primeiro artigo (“Jesus ‘Homem Divino’: para uma história comparada do termo no mundo antigo”) Cornelli ao abordar a história do conceito de *theios anér* apresenta semelhanças entre Apolônio de Tiana e Jesus enquanto taumaturgos, pregadores itinerantes rejeitados por seus correligionários e irmãos, acompanhados por um pequeno grupo de discípulos fiéis, praticam curas, exorcismos, profecias e ressurreição de mortos, pregam moral rígida para seus ouvintes, falam com autoridade e entraram em conflito com os sacerdotes dos templos oficiais. Cornelli aponta a grande importância da teoria de Tiede que apresenta dois tipos de *theios anér*: o homem sábio e o milagreiro. Nesta perspectiva, a segunda parte do artigo apresenta as equivocidades na figura dos *theios anér*. Primeiro, procura esclarecer os vários termos utilizados no mundo greco-romano para descrever as pessoas que praticavam magia, profecias e encantamentos; bem como apontar na literatura e na filosofia as tipologias de homens divinos (sábios ou milagreiros?) e daí encaminha a sua suspeita da impossibilidade de um padrão unívoco de homem divino e a importância deste conceito (*theios anér*) para entender a relação entre a prática de Jesus e de seus contemporâneos.

Esta questão move a análise de Gabriele Cornelli no artigo seguinte (“A magia de Jesus”). A apresentação de Jesus como um mago popular galileu é atestada pelo fato de que a nenhum outro homem na Antiguidade se atribuíam tantos milagres como a Jesus. Seguindo as análises de vários autores sobre a prática mágica de Jesus (Meier, Smith, Crossan, Koester e Theissen) Cornelli aponta alguns textos fundamentais e sinais desta prática mágica nos evangelhos. A título de demonstração e comparação de

relatos de magia, Cornelli no final de seu artigo apresenta uma sinopse entre dois relatos de milagre de ressurreição de menina: na prática de Jesus relatada em Mc 5,35-42 e na *Vida* de Apolônio de Tiana (VA 4.45).

O terceiro capítulo nos conduz ao tema da paixão e morte de Jesus. O primeiro artigo, de Gabriele Cornelli (“O julgamento e morte de um ‘Filho de Deus’: os milagres de Jesus como motivo de sua condenação à morte”), está em continuidade à sua leitura comparativa entre Jesus e Apolônio. Aqui, o autor adentra na comparação entre os processos instaurados contra ambos. Uma leitura deste processo contra Jesus exige, para além de um delito religioso e econômico-político, como o enfrentamento do Templo, e a sua proclamação como o “filho de Deus”, que se considere o Jesus mago-profeta galileu identificado com o profeta-xamã da tradição do norte (Elias) e com o profeta curandeiro e milagreiro de Israel (Eliseu).

O segundo artigo (“Da traição à morte de Jesus de Nazaré. Em torno de Judas Iscariotes”), de André Chevitarese, reflete sobre a figura de Judas nos relatos da paixão e morte de Jesus. A intenção do autor é verificar o teor histórico da traição de Judas. Primeiramente apresenta os dados relativos a Judas: escolhido por Jesus (Mc 3,16; Mt 10,1; Lc 6,13; Jo 15,16), tinha a função específica de cuidar da bolsa comum (Jo 12,6; 13,29) e entregou Jesus às autoridades, embora não sejam claras as motivações dele para agir dessa forma. Na segunda parte, Chevitarese apresenta uma análise do material relativo a Judas, tomando como referência os critérios de constrangimento e da múltipla confirmação apontados na obra de John Meier. Conclui mostrando que a traição de Judas é um tema presente nas lutas travadas entre aderentes e não-aderentes ao cristianismo, principalmente na necessidade dos grupos cristãos em contra-argumentar os discursos produzidos por aqueles que estão fora da comunidade.

O quarto capítulo aborda os desdobramentos após a morte de Jesus na caminhada das comunidades cristãs primitivas, a partir de dois artigos de Monica Selvatici. No primeiro, a autora toma o discurso de Estêvão (At 7) que apresenta uma forte crítica ao templo de Jerusalém caracterizado como “feito por mãos humanas”. No segundo artigo, Selvatici analisa a negociação e/ou desenvolvimento das identidades cristãs primitivas na comunidade de Antioquia, tomando como pano de fundo o incidente narrado por Paulo em Gl 2,11-14. Para tal análise a autora aplica o conceito de etnicidade. Na formação da comunidade de Antioquia podemos encontrar marcas do processo de interação entre tradição judaica e cultura helenística. Nesta perspectiva a comensalidade representa a prática pela qual judeus e gentios se uniam em Cristo e formavam uma *ekklesia* na cidade de Antioquia.

A segunda parte do livro apresenta várias contribuições de pesquisadores, estudiosos e especialistas divididos em três capítulos ou eixos temáticos como nos aponta Pedro Paulo Funari na apresentação. O quinto capítulo versa sobre a metodologia de estudo e pesquisa ao redor do Jesus histórico. Temos a contribuição de John Dominic Crossan que apresenta em seu artigo (“Texto e contexto na metodologia dos estudos sobre o Jesus histórico”) os passos metodológicos (procedimentos formais e investimentos materiais) para o estudo sobre o Jesus histórico. Neste artigo, Crossan vai conduzindo o leitor de duas maneiras: primeiro apontando o caminho e conseqüentemente os passos que serão dados; mas, conectada a esta indicação, Crossan vai demonstrando e descrevendo a aplicação de seu método. Crossan neste artigo apresenta o seu caminho, e entrega para o leitor uma espécie de bússola. Em seguida, vem o artigo de Luigi Schiavo (“A Fonte dos Ditos de Jesus e as raízes da cristologia”) tomando o relato da tentação de Jesus na Fonte Q em paralelo com a apresentação de outros textos, como demonstração de continuida-

de da tradição de Jesus com o judaísmo e como construção de um discurso cristológico. Já o artigo de Pedro Paulo A. Funari amplia a discussão ao delinear as contribuições da arqueologia para a exegese e, sobretudo, a pesquisa bíblica ao redor do Jesus histórico. Vale salientar que o autor deixa claro o quanto a arqueologia é posta na encruzilhada dos interesses, seja de uma defesa de crença e fé, seja no uso ideológico-político através do reforço do controle imperialista ocidental.

O sexto capítulo aponta as relações entre o Jesus histórico e as tradições do judaísmo antigo. John P. Meier abre este capítulo com o seu artigo (“O Jesus Histórico e a Lei Histórica: alguns problemas dentro do problema”) problematizando a relação entre o Jesus histórico e a Lei judaica: o estado e o conteúdo da Torá no tempo de Jesus e as tradições interpretativas em torno da lei. O autor trabalha estes problemas tendo como referência a proibição de Jesus do divórcio. Cabe o alerta de Meier no final do seu artigo: *quem quer que tente construir um caminho através deste labirinto deve primeiro colocar um sinal de aviso: prossiga com cuidado*. O artigo seguinte é de Paulo Roberto Garcia, que analisa a relação de Jesus com os movimentos judaicos. Sua perspectiva é apontar Jesus e o judaísmo com a sua multiplicidade de movimentos, no período anterior à destruição do segundo Templo. A segunda parte do artigo abordará a Galiléia como espaço que desenvolveu culturas e tradições (não simplesmente a caracterização de uma área rural isolada do mundo e cultura grega). Já o artigo de Edgar Leite (“Yeshu Há Notzri e sua viagem ao Egito: uma parábola talmúdica”) busca em textos talmúdicos alguma referência ao Jesus Histórico. Se os textos cristãos enfatizarão as críticas aos fariseus, da mesma maneira os textos judaicos não apresentarão referências explícitas ao cristianismo, pois os cristãos são enquadrados no conjunto de práticas religiosas não-judaicas. O último artigo deste capítulo é de autoria de Paulo Nogueira: Jesus de Nazaré: um profeta apocalíptico? Impasses metodológicos na compreensão de práticas religiosas judaicas do século I. Nele o autor começa mostrando algumas incongruências ao redor da definição de Jesus como profeta apocalíptico: “como relacionar um profeta itinerante galileu iletrado (ou rudimentarmente letrado) com a vasta e sofisticada literatura apocalíptica?” Ainda existe todo um caminho a percorrer e muitas descobertas acerca dos traços e características apocalípticas no discurso e prática de Jesus; porém, faz-se necessário e urgente considerar as experiências visionárias e outras narrativas que apontam para o recebimento de revelação ao redor do movimento de Jesus.

O último capítulo apresenta a controvérsia de Jesus com o Templo de Jerusalém. Adela Yarbro Collins trabalha a oposição de Jesus ao templo como a retomada de sua santidade, mesmo que transpareça nos textos uma dimensão de oposição político-econômica. Daniel Soares Veiga tenta mostrar o confronto entre o movimento de Jesus na Galiléia e o Templo em Jerusalém, pois a messianidade de Jesus não orbitava ao redor do templo. Luiz Felipe Coimbra Ribeiro apresenta uma análise exegética da perícopes de Mt 17,24-27 no que se refere à oposição ao imposto do templo.

Esta é uma obra de fôlego nas várias leituras e perspectivas que aponta para a abordagem do tema do Jesus histórico. Aspectos houve que não foram abordados e mereceriam especial atenção. Por exemplo, a caracterização do Jesus histórico como sábio (sabedoria popular) pregador de parábolas e ensinamentos. Mas o que temos aqui já oferece farto e rico material sobre o Jesus histórico.

Rafael Rodrigues da Silva
Caixa Postal 42466
04218-970 São Paulo, SP
raphaelli@puccsp.br